

# Cadernos de Cultura e Ciência

*Culture and Science Periodicals*

# 01

## Ensaaios e Resenhas

**O uso de inventários na pesquisa histórica**

*The use of inventory in the historical research*

Darlan de Oliveira Reis Junior\*

---

*Universidade Regional do Cariri, Centro de Ciências Humanas, Departamento de História*

\* Correspondência: R. Cel. Antônio Luiz, 1161, 63100-000, Crato, CE, Brasil.

Fone: (88) 3102-1212 ramal 2781; FAX: (88) 3102-1271. [darlanjunior@terra.com.br](mailto:darlanjunior@terra.com.br)

## O uso de inventários na pesquisa histórica

### *The use of inventory in the historical research*

Darlan de Oliveira Reis Junior

*Universidade Regional do Cariri, Centro de Ciências Humanas, Departamento de História*

#### RESUMO

Este artigo pretende fazer a discussão sobre as possibilidades e as limitações do uso de uma fonte primária específica na pesquisa histórica: os inventários, documentos que possuem uma diversidade de informações. As possibilidades do trabalho com fontes documentais escritas não se extinguiram, pelo contrário, são muitas e dependem da abordagem realizada pelos historiadores. O trabalho de abstração do historiador é permanente. Durante o contato com as fontes documentais, esse processo dialético ocorre. Por isso, no contexto de elaboração de um projeto de pesquisa, a referência a uma teoria é essencial. É dessa problematização que decorrem as questões metodológicas e da aplicabilidade das fontes na pesquisa histórica. Além da discussão teórica sobre o uso dessa fonte primária, apresentamos a utilização dos inventários no processo de pesquisa em andamento sobre as relações sociais e a importância da mão-de-obra escrava na formação social da cidade do Crato, no século XIX.

Palavras-chave: Teoria, Metodologia, História Serial.

#### ABSTRACT

*This article intends to discuss the possibilities and the limitations of a specific primary source use in the historical research: the inventories, documents which have a diversity of information. The possibilities of the work with written documentary sources had not been extinguished, on the other hand, there are many and they depend on the approach made by the historians. The work of abstraction of the historian is permanent. During the contact with the documentary sources, this dialectic process occurs. Therefore, in the context of elaboration of a research project, the reference to a theory is essential. It's of this problematization that elapses the methodologic questions and of applicability of the sources in the historical research. Besides of the theoretic discussion about the use of this primary source, we present the utilization of the inventories in the research process in progress about the social relations and the importance of the slave labor in the social formation in Crato city, in the 19th century.*

*Key words: Theory, Methodology, Serial History*

No processo de produção da pesquisa histórica, o historiador tem pela frente algumas questões cruciais. A elaboração teórica e seleção do tema, a problematização das questões, a definição dos limites de estudo, a escolha da metodologia, das técnicas e a disponibilidade das fontes escolhidas. Trabalho que não deve ser negligenciado, mas que, em alguns momentos, é relativamente abandonado, principalmente quando se trata de um iniciante na pesquisa histórica, quando é comum a ansiedade de chegar logo às respostas.

Desde o primeiro momento, é bom lembrar que a simples utilização de uma fonte histórica no trabalho

do historiador só tem sentido quando está vinculada às questões que ele pretende estudar. O simples manusear das fontes, ou a catalogação das mesmas, pode até levar à formulação de algumas idéias, mas, na maior parte dos casos, o historiador quando parte para a pesquisa, já tem consigo vários questionamentos e perguntas. Não se nega a possibilidade de que, no contato com as fontes, surjam as idéias e novas questões. É inerente ao processo de produção do conhecimento científico, a vinculação entre a teoria e a prática. O que deve ser evitado é o posicionamento de se encontrar o objeto de estudo ou a formulação das hipóteses apenas "bebendo" nas

fontes ou partindo somente delas. Para Henri-Iréné Marrou,

*“Não estudamos um documento por si mesmo mas com o objetivo de atingir, através dele, o passado: é chegada a hora de analisarmos essa passagem do sinal à coisa significada, do documento ao passado, providência decisiva através da qual se realiza o essencial da elaboração do conhecimento histórico. Para explicá-la, devemos desconfiar de uma esquematização demasiado simplista: a análise leva-nos a distinguir operações lógicas que, de fato, estão intimamente associadas e em constante interação<sup>1</sup>.”*

A fonte por si só não se explica. O documento não foi produzido em seu tempo para servir na atualidade como fonte para o pesquisador. Ao discutir a concepção do documento/monumento, Jacques Le Goff defende a idéia de que aquilo que sobrevive depende das escolhas das forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade e também depende dos historiadores<sup>2</sup>.

*“O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa<sup>3</sup>.”*

Recomendações que se tornam válidas, não como fórmulas, mas servindo de alerta tanto ao discurso da “neutralidade” típica do positivismo, como ao idealismo do historicismo e seu relativismo, que acabou por negar a cientificidade da história.

Paul Ricoeur trata do assunto em um conhecido texto intitulado “Objetividade e subjetividade em história”<sup>4</sup>. Para Ricoeur, o historiador deve ser grato a March Bloch, por defender a idéia que a objetividade da história consiste na renúncia à coincidência, à reviviscência, não sendo tarefa do historiador restabelecer as coisas “tais quais elas passaram”<sup>5</sup>:

*“E March Bloch sublinha quão grande é a parte de abstração suposta por tal trabalho; pois não existe explicação sem constituição de ‘séries’ de fenômenos: série econômica, série política, série cultural, etc...; se com efeito não se pudesse identificar, reconhecer uma mesma função nos eventos outros, nada haveria passível de compreensão; só existe história porque certos ‘fenômenos’ continuam: ‘na medida em que sua determinação se opera do mais antigo para o mais recente, são os fenômenos humanos comandados antes de tudo por cadeias de fenômenos semelhantes; classificá-los por gêneros, é pôr a nu linhas de força de capital eficácia’ (74). Só existe síntese histórica porque a história é antes de tudo uma análise, e não uma coincidência emocional.<sup>6”</sup>*

O trabalho de abstração do historiador é permanente. Durante o contato com as fontes documentais, esse processo dialético também ocorre. Por isso, no contexto de elaboração do projeto de pesquisa, a referência a uma teoria é essencial<sup>7</sup>. A análise requer um referencial teórico. É dessa problematização que decorrem as questões metodológicas.

Este artigo pretende fazer uma discussão sobre as possibilidades e as limitações de utilização de uma fonte primária específica na pesquisa histórica: os inventários. Documento importante, que registra os bens pertencentes a uma pessoa e que são objeto de partilha, o inventário pode ser uma rica fonte de pesquisa para o historiador. Não tratamos aqui do inventário como objeto, mas como fonte documental. A história que se quer construir também está nele, mas não exclusivamente.

O uso de inventários na pesquisa histórica dependerá, portanto, do tema a ser estudado<sup>8</sup>. A própria abordagem e os dados que serão selecionados, dependem das escolhas enumeradas anteriormente. Não é possível generalizar, nem receitar “fórmulas” para o uso dessa fonte. Dessa maneira, utilizaremos, como exemplo, uma de nossas pesquisas em andamento, que os inventários são uma das fontes primárias de trabalho. Nossa pesquisa se insere no campo da História Social. Partindo de um

<sup>1</sup> MARROU, Henri-Iréné. Sobre o Conhecimento Histórico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 p. 99.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 p. 535.

<sup>3</sup> ibidem, p. 545.

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. História e Verdade. Rio de Janeiro: Forense, 1968 p.23-44.

<sup>5</sup> ibidem, p. 26.

<sup>6</sup> ibidem, p. 26.

estudo com âmbito regional, buscamos entender como se davam as relações sociais numa formação social que teve como um de seus componentes a escravidão.

Estamos nos referindo ao estudo feito sobre a cidade do Crato, município do sul cearense, localizada na região conhecida como “Cariri”. Essa região é conhecida mais pelas suas manifestações culturais (em um sentido estrito) e religiosas e também pelos movimentos políticos, como o da Confederação do Equador. Sobre a escravidão que existiu ali, pouco se escreveu, assim como sobre as condições de vida dos escravos e as relações sociais que se estabeleceram naquela formação social<sup>9</sup>. Nossa pesquisa busca a compreensão dessas questões. Daí a necessidade da abordagem empírica, documental, para que possamos entender, na sociedade cratense do século XIX<sup>10</sup>, o que Stuart Schwartz, ao estudar a sociedade baiana açucareira, chamou de “segredos internos” (as relações sociais daquele sistema).

Nessa fase inicial de nosso trabalho, estamos levantando as fontes existentes que poderiam nos fornecer as condições para a pesquisa. As fontes que mais chamaram nossa atenção foram as cartoriais e as do poder judiciário<sup>11</sup>. Em primeiro lugar, além de investigar sobre a produção bibliográfica, buscamos verificar a existência da presença da mão-de-obra escrava na economia cratense. Os inventários se tornaram, então, fonte preciosa para a resolução da questão. Através da descrição e do levantamento dos bens de vários inventariados, recolhemos os dados pertinentes à questão colocada.

O inventário é um documento que permite obter várias informações sobre a maneira como as pessoas viviam em determinada época, seu cotidiano, seus bens, sua maneira de vestir, sua atividade econômica, a situação da família – filhos legítimos ou não, separações, viuvez - a partilha dos bens, as dívidas ativas e passivas etc. E no caso de nossa pesquisa, a

presença escrava na sociedade. Como já dissemos, não é o único documento, mas um dos que permitem esse tipo de pesquisa.

No caso que estamos discutindo, a primeira etapa foi identificar em que local estavam guardados os inventários. Na cidade do Crato, os inventários estão no fórum da cidade, Fórum Desembargador Hermes Parahyba. O inventário mais antigo encontrado data de 1751<sup>12</sup>. Depois desse, o próximo inventário encontrado é de 1806 e aí temos uma disposição seriada dos inventários. Encontramos inventários dispostos em cerca de 24 caixas, entre o período referido e o início do século XX, além da possibilidade de encontrarmos outros, em diversas caixas que contém a etiqueta “difícil identificação”, que contém misturados diferentes tipos de documentação. Das caixas que estão em um estado de conservação razoável, estamos fazendo a limpeza e a catalogação dos inventários.

Queremos registrar que muitas vezes esse acaba sendo o trabalho do historiador. As fontes muitas vezes não estão à disposição, esperando para serem usadas. O trabalho de pesquisa tem que levar em conta esse problema, o da disponibilidade das fontes. De nada adianta um belo projeto, se as fontes não existem ou não estão acessíveis ao historiador. Quando da elaboração do projeto, esse é um ponto importante, que se não estiver resolvido, trará sérios problemas ao andamento do mesmo. Outra questão é a da existência de uma série de documentos<sup>13</sup>.

*“O problema básico da verificação em história é, sem dúvida, a existência ou não de uma documentação suficiente. O caráter dos testemunhos conservados decide, em todos os casos, o tipo de verificação possível. Existindo lacunas, o perigo imediato é a tentação da extrapolação, isto é, da generalização a partir de um número reduzido de documentos, ou de uma documentação inadequada ao que se pretende provar<sup>14</sup>.”*

<sup>7</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez. Os Métodos da história – introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990 p.430.

<sup>8</sup> Cardoso e Brignoli fizeram uma advertência que ainda é pertinente: “Um perigo, ou tentação, a evitar é a escolha de técnicas ‘em moda’ (o uso da computação, por exemplo) por pura sofisticação, e não por se adaptarem realmente ao tema escolhido”, in CARDOSO & BRIGNOLI, op. cit., p. 485. Hoje em dia se observa em alguns casos, o uso exagerado de fontes orais sem uma justificativa teórica e relevância para o tema. Seria modismo?

<sup>9</sup> Assim escreveu Nascimento: “Ao contrário do nordeste açucareiro, no outro, fisiograficamente oposto, cresceram o rebanho de gado, e se introduziram outras opções agrícolas, inicialmente de mera subsistência, e só mais tarde de exportação, com o florescimento da lavoura algodoeira. Mas, nem no ciclo curraleiro que se desenvolveu com a expansão geográfica das sesmarias, nem durante as buscas de novas alternativas para a economia rural, quando o nordeste semi-árido ingressou na fase da produção supridora de mercado, a presença do escravo negro chegou a se avantajarem nas várzeas fluviais ou nas zonas de chapadas da região.(...) Todavia, rareia a comprovação documental de que a força de trabalho empregada nos tratos agrícolas haja sido de contingentes escravos”, in NASCIMENTO, F.S. Síntese histórica da escravidão negra. In: SOUZA, Simone ( coord.). História do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará , Fundação Demócrito Rocha e Stylus Comunicações, 1989, p.161-162.

<sup>10</sup> SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Em nossa pesquisa, Crato: uma sociedade escravista e suas relações sociais no século XIX, o levantamento dos dados é feito ao mesmo tempo da catalogação e limpeza dos inventários e demais documentos existentes, conforme acordo com a direção do Fórum do Crato. Dessa maneira, nosso trabalho em cada caixa se torna mais lento, também por causa da busca que terá que ocorrer nas caixas de “difícil identificação”. Mesmo assim, a investigação já permitiu a coleta de alguns dados.

**Tabela 1: Inventários**

Período	Quantidade
1801-1810	02
1811-1820	06
1821-1830	26
1831-1840	33
<b>Total</b>	<b>67</b>

Fonte: Tabela montada pelo autor. AFC, Inventários, caixas 01, 02 e 03.

*“(...) huma negra de nação da Costa de idade de 50 anos pouco mais ou menos (...) 40\$000. (...) huma crioula por nome Maria de idade que aparenta ser de 20 anos pouco mais ou menos (...) 60\$000. (...) huma crioula com nome Joanna com idade 16 anos (...) 55\$000. (...) huma crioulinha por nome Maria idade de 9 anos (...) 35\$000. (...) huma cabrinha por nome Jessalia de idade de 12 anos (...) 25\$000. (...) hum cabra de nome Brás com idade de 13 anos (...) 45\$000. (...) negro de nação da Costa da Mina por nome Antonio com idade de 60 anos. (...) hum crioulo de nome Francisco com idade de 20 anos – ausente<sup>15</sup>.”*

Sobre a situação econômica dos inventariados, havia uma diversidade de situações. Pequenos agricultores de produtos de subsistência e criadores de gado, lavradores de cana-de-açúcar, donos de engenho de cana. Tomemos o exemplo de Bento Moreira da Silva<sup>16</sup>, falecido em 1809, que tinha em seu inventário apenas dois escravos, “(...) hum escravo de nação cabra de nome Feliz em idade de 60 anos pouco mais ou menos”, avaliado em oitenta mil-réis, e “(...) huma

escrava mulata de nome Ignacy com idade de 48 anos”, avaliada em cem mil-réis. O senhor Bento Moreira tinha ainda um prato de estanho e doze cabeças de gado, entre vacas, novilhos e garrotes. Havia uma dívida a receber de sessenta mil-réis. Nada mais. Levando-se em consideração o dinheiro que havia a receber proveniente de dívidas no total de seus bens, os seus dois escravos em idade avançada representavam 63,73% da riqueza desse pequeno criador. Dois escravos cuidando de doze cabeças de gado.

No inventário de João Machado Jorge<sup>17</sup>, feito no ano de 1814, encontramos ouro, prata, tachos de cobre, instrumentos de ferro, como enxadas e machados, móveis, roupas e até rapaduras. Quanto aos seus principais bens, como gado bovino, encontramos 36 cabeças (entre vacas, bois, novilhos etc). De gado eqüino, havia 19 cabeças. João Machado Jorge possuía dois sítios e mais algumas braças de terras, 01 engenho, casa de morar, casa de farinha, era credor de várias pessoas e devia a outras algum valor em dinheiro. No que se refere aos escravos, existiam 14, totalizando o valor de 1:370\$000 (um conto e trezentos e setenta mil-réis) que correspondiam a 43,24%, considerando-se as dívidas que havia a receber (já descontadas as dívidas passivas). Esse senhor de 14 escravos criava gado e tinha um engenho de cana-de-açúcar. Provavelmente combinava a mão-de-obra escrava com trabalhadores livres. Outro dado interessante que é possível perceber, mesmo nessa pequena série encontrada, a presença acentuada de mulheres e crianças no cativoiro.

**Tabela 2: Razão de masculinidade nas propriedades entre 1811-1820**

Inventários	Crianças		Adultos		Total	Razão de masculinidade	% de crianças
	H	M	H	M			
Pasta 04	-	-	2	3	5	66,66	-
Pasta 05	3	1	6	4	14	180	35,7
Pasta 06	-	-	2	0	2	-	-
Pasta 07	-	-	-	-	-	-	-
Pasta 08	-	-	1	-	1	-	-
Pasta 09	1	3	1	1	6	50	66,66
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>28</b>	<b>133,33</b>	<b>28,57</b>

Fonte: tabela montada pelo autor. Dados obtidos no AFC, Inventários, pastas 04 até 09.

<sup>11</sup> As fontes em que trabalhamos são documentos judiciais como processos criminais, atas do tribunal do júri, livros de registros de sentenças, livros de termos de audiência, arrematações de escravos, ações de liberdade; documentos cartoriais como testamentos, inventários, e cartas de alforria registradas em cartório; documentos eclesiais: livros de batismos, livros de óbitos, livros de casamentos e correspondências eclesiais. Além disso, buscaremos os jornais da época.

<sup>12</sup> Arquivo do Fórum Desembargador Hermes Parahyba, Cidade do Crato – Inventários, Caixa 01, Pasta 01. A partir daqui utilizaremos a sigla AFC (Arquivo do Fórum do Crato).

<sup>13</sup> Sobre a questão do trabalho com uma série de dados ou por amostragem, sugiro a leitura do Capítulo VI da obra já citada, Os Métodos da História, de Cardoso & Brignoli, p. 260 –347.

<sup>14</sup> CARDOSO & BRIGNOLI, op. cit., p. 435.

<sup>15</sup> AFC - Inventário de Desidério de A. Pereira, caixa 01 - inventário, pasta 01,1751.

Na década seguinte, entre 1821 e 1830, encontramos escravos em 16 inventários dos 26 existentes. De crianças, entre 0 e 13 anos, existiam 34 escravos. Os adultos, com idade entre 14 e 50 anos, totalizavam 61 escravos. Já os idosos, escravos com mais de 50 anos, eram em número de 07. A Razão de Masculinidade era de 113,3 e o percentual de crianças era de 35,41%. Se compararmos com outras regiões, onde o predomínio da população escrava era acentuado, encontraremos um percentual de crianças escravas bem menor, de cerca de 2 a 6%<sup>18</sup>. Também encontraremos uma razão de masculinidade maior, que chegava a 199, nos engenhos baianos, entre 1710 e 1827<sup>19</sup>.

Os inventários permitem perceber como viviam as pessoas que tinham condições de pagarem para a elaboração dos mesmos. Pesquisas que tinham outros objetivos, também se valeram dos mesmos documentos. Antônio José Oliveira<sup>20</sup> analisou em seu trabalho sobre os engenhos de rapadura do cariri, o cotidiano das pessoas da época e utilizou inventários.

*“Não só folheei os inventários do Cartório dos órfãos do Crato, mas também constatei que nem tudo era pobreza, como afirmou Irineu Pinheiro. Aparentemente desprezíveis, os objetos arrolados eram muito significantes para o contexto da época. Como uma espécie de radiografia das condições materiais do indivíduo, cada inventário era um desdobramento legítimo do poder e riqueza dos proprietários. Vale ressaltar que só quem inventariava seus bens eram os que tinham certo poder aquisitivo para custear o processo<sup>21</sup>.”*

Oliveira observou que a produção nos engenhos do Cariri destinava-se, principalmente, para a fabricação de rapadura e não na produção de açúcar para o mercado externo, como acontecia nas regiões litorâneas. Quanto à mão-de-obra,

*“Não foi possível saber se os escravos dos senhores de engenho do Cariri eram todos de enxada. Se trabalharam diretamente no campo ou se eram todos domésticos. Pelas características das propriedades, entendemos que foram utilizados em*

*diversos setores, menos nos mais árduos. O escravo que custava até 500 mil réis não era comprado para realizar tarefas que colocassem em risco sua saúde. Sendo o mais valorizado bem do proprietário, era vigiado praticamente vinte e quatro horas, e por qualquer tentativa de fuga era ‘castigado’ com ‘severidade’<sup>22</sup>.”*

Mesmo com objetivos diferentes, a pesquisa de Oliveira se baseou em inventários e passou pela questão da mão-de-obra, que segundo ele, não era utilizada nos trabalhos mais árduos. Nesse trabalho, os inventários, entre outras fontes, possibilitaram ao autor a obtenção de dados para que realizasse sua reflexão. É o que estamos fazendo com nossa pesquisa. Se compararmos com outras regiões do Brasil, veremos que a participação da mão-de-obra escrava, no conjunto das propriedades, era menor. Mesmo em períodos diferentes, nunca atingiu a proporção do Vale do Paraíba, conhecido centro da escravidão brasileira. Não obstante, teve a presença da escravidão, já que se tratava da mesma formação social, e isso repercutiu na sociedade cratense. A pesquisa, tendo o inventário como uma das fontes, permite o aprofundamento da discussão teórica. Em outro período, na década de 60 do século XIX e em outra região, a região do Vale do Paraíba, no sudeste brasileiro, ao analisarmos os inventários da cidade de Vassouras, encontramos a presença significativa da mão-de-obra escrava.

*“Tal situação é constatada ao analisarmos o inventário de um grande proprietário. Verificamos os bens de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o 2º Barão de Pati do Alferes, que possuía sete fazendas: Monte Alegre, Manga Larga, Piedade, Santana, Palmeiras, Monte Lybano e Conceição. Nelas, trabalhavam mais de 600 escravos que cuidavam de 1.480.500 cafeeiros. Utilizaremos como referência a fazenda Palmeiras<sup>23</sup>.”*

Na fazenda Palmeiras, o Barão de Pati do Alferes<sup>24</sup> possuía 85 escravos, 55 homens e 30 mulheres. Entre os homens, 76,35% estavam na faixa etária entre 21 e 40 anos, enquanto, entre as mulheres o percentual subia para 79,9%.

<sup>16</sup> AFC - Inventário de Bento Moreira da Silva, caixa 01- inventário, pasta 03, 1809.

<sup>17</sup> AFC - Inventário de João Machado Jorge, caixa 01 – inventário, pasta 05, 1814.

<sup>18</sup> Schwartz, op. cit., p. 286.

<sup>19</sup> ibidem, p. 287.

<sup>20</sup> Professor do Departamento de História da URCA.

Entre os homens, o escravo de maior valor era Honório, de 25 anos, carpinteiro que valia 2:000\$000. Sozinho, Honório valia mais do que todo o gado e as mobílias da propriedade. As escravas mais valiosas eram Catharina, de 28 anos, e Simplicia, sem idade certa, costureira, cada uma avaliada em 1:600\$000. Os cafezais representavam 11,77% da riqueza existente na fazenda Palmeiras. Demonstramos, a seguir, a Tabela 3 feita naquele trabalho a partir de um inventário.

**Tabela 3: Bens relacionados no inventário  
Fazenda Palmeiras**

Bens	Valor	%
Bens de Raiz	12:650\$000	7,85
Terras	13:800\$000	8,56
Cafezais	18:970\$000	11,77
Escravos	93:910\$000	58,29
Gado	01:160\$000	0,72
Tropa	04: 00\$000	2,97
Ferramentas	320\$000	0,19
Mobília	822\$000	0,51
Propriedades na Estrada	06: 400\$000	3,97
Café em Coco	08: 250\$000	5,12
<b>Total</b>	<b>161:082\$800</b>	<b>99,95</b>

Fonte: Tabela montada pelo autor, dados obtidos no CDH -ACV .  
Inventário de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck. cx. 115, 1862<sup>25</sup> .

Procurávamos demonstrar a participação da mão-de-obra escrava na economia da cidade de Vassouras. Da riqueza existente na fazenda Palmeiras, quase 60% era relativa aos escravos. A pesquisa feita em dezenas de inventários nos permitiu constatar a importância da propriedade escrava no conjunto daquela economia.

No caso de nossa pesquisa sobre as relações sociais na cidade do Crato no século XIX, buscamos através da pesquisa empírica, a resposta para algumas questões. Em primeiro lugar, precisamos identificar a ocorrência ou não da escravidão e qual a sua participação.

A pesquisa empírica com base nos inventários tem nos mostrado até agora a ocorrência do trabalhador escravo em diferentes tipos de propriedade e diferentes classes sociais. Dos menores até os maiores proprietários na região, a utilização do escravo em suas propriedades no

período a que se refere nosso levantamento de dados é razoável. Encontramos escravos numa variação etária e de gênero, num total de 294 pessoas na condição escrava. Tal número pode ser considerado pequeno no que diz respeito a outras regiões do país na mesma época. Mas para a cidade do Crato, na província do Ceará, com a perspectiva econômica que se apresentava não se trata de um número insignificante.

Através desses exemplos, procuramos demonstrar uma das possibilidades de trabalho com inventários. Maria Yedda Linhares ao abordar o tema sobre a pesquisa histórica com enfoque regional de uma História Agrária, escreveu sobre a questão da existência de fontes documentais no Brasil:

*“Comprovou-se que tais fontes existiam e existem, abundantemente, mesmo para os períodos mais recuados. São elas de natureza jurídica, as mais ricas e numerosas – inventários post-mortem, contas de tutela, testamentos, compra e venda de bens imóveis e semoventes, todos de origem cartorária (Ofícios de Notas); de natureza policial-judiciária – processos-crime; de natureza administrativa – registros paroquiais de terra, censos diversos de população, lista de votantes; de natureza eclesiástica – registro de batismo, casamento processos diversos; de natureza fiscal, os mais raros (dízimos, registros de óbitos como guias de sepultura, muito reveladores). As fontes produzidas e conservadas nos cartórios em cada município têm-se mostrado extremamente ricas, uma vez analisadas com precisão<sup>26</sup>.”*

As possibilidades do trabalho com fontes documentais escritas não se extinguíram, pelo contrário, são muitas e dependem das discussões e interesses dos historiadores. Não se trata da valorização do documento da maneira que o positivismo entendia, ou de ver no passado, um “santuário” onde a documentação é o mais importante. O que importa é o sentido que buscamos dar em nossa trajetória enquanto pesquisadores e perceber que em se tratando da História, cada nova incursão sobre o tema em que nos debruçamos pode ser uma fonte inesgotável de perguntas e respostas.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Antonio José de. Engenheiros de Rapadura do Cariri: Trabalho e Cotidiano (1790-1850). 2003. [153 f.] Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003 p.101.

<sup>22</sup> ibidem, p. 77-78.

<sup>23</sup> REIS JUNIOR, Darlan de O. A Decadência do Escravidão Colonial – Vassouras, 1860 – 1880. 2001. [103 f.] Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2001 p. 63.

<sup>24</sup> CDH - ACV. 1 Of. Inventário de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck . CX. 115. 1862, in REIS JUNIOR, op. cit. p. 63.

<sup>25</sup> ibidem, p. 64.

<sup>26</sup> LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (orgs.), Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 171.

## Referências Bibliográficas

- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez. Os Métodos da história – introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LINHARES, Maria Yedda. História Agrária, in CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (orgs.), Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- MARROU, Henri-Iréné. Sobre o Conhecimento Histórico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- NASCIMENTO, F.S. Síntese histórica da escravidão negra. In: SOUZA, Simone (coord.). História do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha e Stylus Comunicações, 1989.
- OLIVEIRA, Antonio José de. Engenhos de Rapadura do Cariri: Trabalho e Cotidiano (1790-1850). 2003. [153 f.] Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- REIS JUNIOR, Darlan de O. A Decadência do Escravismo Colonial – Vassouras, 1860 – 1880. 2001. [103 f.] Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2001.
- RICOEUR, Paul. História e Verdade. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

### Siglas

CDH – ACV – Centro de Documentação Histórica – Arquivo Cartorário de Vassouras.

AFC – Arquivo do Fórum do Crato.

### Inventários

AFC - Inventário de Desidério de A. Pereira, caixa 01 - inventário, pasta 01,1751.

AFC - Inventário de Bento Moreira da Silva, caixa 01- inventário, pasta 03, 1809.

AFC - Inventário de João Machado Jorge, caixa 01 – inventário, pasta 05, 1814.

CDH - ACV. 1 Of. Inventário de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck . CX. 115. 1862.